




PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 23 de Fevereiro de 1980 \* Ano XXXVI — N.º 938 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

# PARA UMA CARTA DO SERVIÇO DA CRIANÇA

A elaboração desta Carta — Magna se lhe poderia chamar, pelos benefícios consequentes para a Comunidade Humana — complemento concretizador dos Direitos da Criança enunciados como declaração de princípios, foi uma das intenções do Bureau International Catholique de l'Enfance (B. I. C. E.) ao propor o Ano Internacional que em 1979 se celebrou. Não sei se chegou a ser redigida. Mas as pistas de reflexão postas como «fundamento do homem harmoniosamente desenvolvido e de uma sociedade que viva na Justiça e na Paz», vale a pena segui-las.

«Seis valores fundamentais» são apontados para formar o Homem que se quer promover, com «um mínimo de bem-estar

necessário à prática da virtude» e com «um mínimo de humanidade para que possa haver abertura à fé». Ei-los:

- 1 — O respeito pelo espiritual e a educação da interioridade.
- 2 — O despertar da consciência e a educação do discernimento.
- 3 — O gosto pelo esforço e a educação que forma para um constante superar-se a si-próprio.
- 4 — O sentido do Outro e a educação da partilha.
- 5 — A experiência da generosidade e a educação da gratuidade.
- 6 — A descoberta da solidariedade e a educação da responsabilidade.»

Em todos estes pontos há uma potência a descobrir e uma dinamização a realizar.

Esta não é possível, ou não é fecunda, sem o acordar daquela. A função é o exercício do órgão; desenvolve-o, mas não o cria. Ora o processo educativo tem de principiar muitas vezes por uma «respiração boca-a-boca» que vai activar o órgão, que o faz renascer e manifestar-se, para depois se exercer por si-mesmo. A educação de... exige que essa realidade seja previamente conhecida e assumida pelo educando. E como este conhecimento e aceitação do dever de pôr em acto a potência que possui nem sempre lhe são espontâneos, eis que o trabalho de quem educa — qual gestação que só mais tarde será dada à luz — começa penosamente na profundidade da alma, onde é tão difícil entrar.

Se a matéria esconde na pequenez do átomo reservas formidáveis de energia, que capacidade não guarda a alma humana criada por Deus à imagem do Seu Espírito Infinito! Mas tal como a energia do cosmos, também o poder do espírito tem de ser desencadeado para aparecer e servir. Reclama um esforço de re-criação.

Educar é conduzir do informe à forma. É arrancar, tantas vezes, de uma paralisia para os primeiros passos. Daí em diante o exercício do movimento é mais fácil e o resul-

Os dois tempos considerados nos «seis valores fundamentais» são, pois, trabalho de educação, ainda que só no segundo ele se expresse. «A educação da interioridade» fará crescer «o respeito pelo espiritual»; mas supõe-no, à partida. E o seu método não será o mesmo no desencadear e ao longo do processo. Como fazer que cada um capte o seu «mistério pessoal, lugar das decisões fundamentais da existência»? Como se chega ao conhecimento vivo de que esse «mistério é a raiz da dignidade da pessoa humana, o seu poder mais profundo, o fundamento da sua grandeza e oportunidade para o futuro»?

E a consciência? «Para além do ensinamento de princípios morais e até antes disso», é mister que a consciência desperte e a criança atente nela. Como acordá-la, num mundo tão variado e cheio de ilusões que a entontece e lhe rouba a luz?

E o gosto pelo esforço, como fazê-lo nascer, face à tentação envolvente da facilidade? É certo que esta conduz ao tédio. A experiência quanto antes deste destino do fácil será caminho que leva a este gosto?

O sentido do Outro, eis outro valor entitativo que, quan-

do não desponta com espontaneidade, é tão difícil de fazer vingar sobre o egocentrismo que tão comumente invade o Homem e se manifesta em muitas formas de egoísmo, mau terreno para a experiência da generosidade, para a descoberta da solidariedade.

É neste tempo prévio da educação, importantíssimo, indispensável ao segundo tempo, de aperfeiçoamento progressivo das potências que germinam no ser que se inicia na



vida, que o Homem pode muito pouco. Nem a sua ciência de Psicologia nem as suas técnicas de Pedagogia, que mais tarde muito lhe podem prestar! Aqui é o reino absoluto da Graça. O mais capaz deste tempo da educação não será o mais sábio, mas o mais santo — o mais impregnado pela Graça; por isso o que mais a contagia.

Padre Carlos

## Calvário

Os Pobres habitam-se de tal modo às contrariedades que carregá-las no dia-a-dia parece-lhes a coisa mais natural do mundo. E, quando o peso daquelas é demasiado, só pedem uma ajudita e com muita delicadeza.

Assim este pobre viúvo. Em aflicção, meio desnordeado, vem aqui suplicar que lhe receba a filha hemiplégica e demente, pois que a casa onde ela se encontrava mudou de nome e, em resultado, todos quantos não conferiam com a nova designação tiveram de sair.

Antigamente os Asilos recolhiam toda a gente. Agora, transformados em lares de terceira idade, limitam a esta a sua freguesia. A restante deverá sair ou nela não poderá entrar, se está fora. E a moda dos lares pegou. Não digo que não sejam precisos, em muitas circunstâncias. Mas não raro é uma boa e confortável solução ter assim onde arrumar os fa-

miliares que entram na fase de «peso social».

Ora, creio bem, melhor que uma política de lares para a terceira idade será uma educação racional e moral dos mais novos para a aceitação dos mais velhos no seu seio. Nem todos estes precisam de ser ali alojados. Até porque, não é normalmente aquele o desfecho ideal para uma vida, mas simples e triste remedeio: tantas vezes pura segregação ou modo subtil de arrumar o que estorva. Sob a capa de óptimo esconde-se, talvez, egoísmo e comodidade de filhos e de parentes próximos. Aliás ficarão contentes aqueles ou aquelas que se vêm longe do meio onde alegremente viveram, dos filhos que ajudaram a crescer, ou dos amigos que fizeram ao longo da vida? Nem sempre a nossa solução é solução, mas destruição daquilo que devia ser. A família ainda é e será sempre o meio

natural de viver para todo o ser humano.

Mas ainda que convenhamos na necessidade de abertura de lares exclusivamente para a dita idade, porque descurar a situação dos que, estando já recolhidos nos estabelecimentos convertidos em lares, são postos na rua por não serem ainda da terceira idade; ou daqueles que, sendo do escalão etário destes últimos, não têm para onde ir?

E é muito grande a multidão dos jovens e dos adultos sem capacidade de auto-governo, por razões naturais ou impostas e sem familiares que os desejem.

Uma criatura, pequenina e discreta, dos arredores do Porto, mongoloide e já na casa dos cinquenta, fica sem mãe. O padrasto recusa-se a olhar por ela e com uma certa razão. Os vizinhos aparecem

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — Prestamos contas aos nossos leitores, o grande suporte material da acção em que estamos empenhados. Entretanto, serão enviadas à Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Durante o ano de 1979 recebemos, por intermédio de O GAIATO, a quantia de 221.470\$00. E o nosso tesoureiro arrecadou também, doutras vias, 2.731\$70.

Juntando a essas verbas o saldo de 1978, foi possível uma distribuição do seguinte modo: 60.000\$00 por 12 Auto-construtores. Em auxílios normais a todos os Pobres: 69.200\$00. Reparação da cadeira motorizada para um deficiente: 26.200\$00 (até Dezembro). Nas duas grandes festas do ano, 17.750\$00: 5.500\$00 pela Páscoa e 12.250\$00 pelo Natal. Alimentação de um velho, que vive só: 15.000\$00. Livros e material escolar para crianças pobres do Ensino Básico: 8.000\$00. Despesas de um funeral: 5.250\$00. Contribuição para o Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo: 4.827\$50. Outras ajudas domiciliárias: 4.455\$50. Despesa total: 210.683\$00.

Em 1979 enxugámos muitas lágrimas. Demos a mão a uma dúzia de Auto-Construtores, que levaram até ao fim — com heroísmo — a construção de suas moradias. E mais teríamos de ajudar se a Auto-construção espontânea fosse encarada pelo são letras. Cada um interpreta ou omite a seu modo.

Particularmente no norte do País, se alguém se dispusesse a fazer um levantamento das riquezas que são fruto da iniciativa de Auto-construtores, do ponto de vista material, familiar e social; se alguém se dispusesse a estudar a hipótese (viável) de por esta via se procurar diminuir o déficit de moradias, como teríamos uma grande poupança de recursos! Como se ocupariam milhões de horas de tempos livres! Como se proporcionaria a milhares de famílias uma verdadeira promoção social!

Para ficarmos com uma ideia do maior problema nacional: observa-se no último relatório da OIT que a falta de habitação decente atinge, em Portugal, «proporções verdadeiramente alarmantes». O número de famílias mal alojadas, em 1976, seriam 770 mil e, nas zonas rurais, mais de oitenta por cento da população vivia em habitações sem qualquer instalação de esgotos.

E mais e mais, diria Pai Américo. Sim; enxugámos muitas lágrimas a doentes, viúvas, velhos e novos. Mantemos o lume aceso em várias lareiras. Somos um apoio constante na resolução de problemas burocráticos do Seguro Social. Primeiro Justiça, depois a Caridade.

Damos graças a Deus por tudo. Ele é a pedra angular da nossa acção.

PARTILHA — Logo a abrir a religiosa presença dos Amigos de D. António Barroso, um grande Bispo e um grande «Homem que fazia a honra da humanidade; o seu coração era um poço de bondade: espécie de do-

mador de feras, até os maus se submetiam ao seu doce império».

«Velha Amiga» de Lisboa, vale de correio «correspondente a Janeiro e Fevereiro». Sempre em dia! E que dizer da «Assinante do Seixal»? A oração dos Pobres faz-nos ser perseverantes e dar-lhes a mão com a Justiça que merecem.

«Uma nulidade», de novo conosco, traz na mão escondida 500\$00, penitenciando-se «pela má vida passada». Estas explosões de Sobrenatural aguentam-nos de pé. São o melhor Alimento.

Assinante 32285, 250\$00. Ovar, 300\$00. Benjamim, 100\$00, a quem retribuimos, com amizade, o forte abraço. O dobro de Requeixo. 2.000\$ de Aveiro, com os olhos da alma para o Alto: «Que Deus me faça menos egoísta para continuar a contribuir com mais». De um Médico, velho amigo, 800\$00 exigindo «não ser referido em O GAIATO». Finalmente, um contributo da Rua de S. Victor, Porto, destinado à reparação da cadeira motorizada, «lamentando que as minhas possibilidades não sejam maiores».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

FUTEBOL — Como os nossos amigos leitores sabem, cá em Casa há uma equipa de futebol bem constituída. Mas, nem sempre tem a sorte não há equipas que queiram defrontar-nos ou por outros motivos.

O certo é que não tem havido futebol, desporto que, em nossa Casa, muito se aprecia. A nossa equipa está parada já há alguns domingos, por isso qualquer equipa que queira defrontar-nos é simples contactar conosco: *Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel*. Venham que nós esperamos, sempre a vossa visita com prazer.

FRUTA — Este ano, e no ano transacto, temos tido bastante fruta, graças a um Amigo do mercado abastecedor do Porto que nos tem oferecido bastante. Todos os sábados de manhã, a nossa carrinha sai e só regressa à tarde com os do Lar do Porto, carregada de peras, maçãs, laranjas, etc. Todos os dias, às refeições, saboreamos fruta que nos é oferecida e em alguns dias de manhã também comemos ao pequeno-almoço. Que bom comer fruta logo de manhã e à tarde com o pão da nossa mendeda! Todos nós gostamos de fruta e agradecemos mais uma vez todas as ofertas. Bem hajam.

SERRALHARIA — Na nossa serralharia executam-se trabalhos de variados tipos, ou sejam: portões, grades para varandas, etc. O chefe da serralharia é o Júlio da Silva que veio de uma das nossas Casas de África com sua mulher e dois filhos. É ele quem dirige a oficina, como sabe e da melhor maneira. Com ele trabalham oito rapazes, entre os quais o François, nosso electricista. Lá é sempre a trabalhar, já que muitos querem tirar o curso de soldadores e

gostam da arte e, assim, poderão ter uma boa profissão na vida futura.

CARNAVAL — Está a aproximar-se o Carnaval. Uns dias antes, as crianças pedem a seus pais para lhe comprarem as máscaras mais feias que houver, para não darem a entender que são conhecidas. Cá em Casa, as máscaras estão a ser guardadas pela D. Maria Angélica. Com certeza que no próprio dia à tarde será a distribuição pelos miúdos, que logo vêm ter com ela. Mas, nem sempre chegam para todos; alguns fazem-nas de cartão requisitado à tipografia, um elástico, pintam-nas e estão feitas. Foi o que fez o irmão do Almeida que construiu uma como as dos antigos guerreiros. Ficou bem feita! Agora, é só esperar até ao próprio dia; mascarar-se bem e é Carnaval. Ninguém leve a mal as suas brincadeiras.

«Salsichas»

## Imprensa do Corvo

ELEIÇÕES — Com a ida de alguns dos nossos rapazes, para a vida militar, o nosso sector de responsabilidade foi afectado. Assim, feitas novas eleições, foram eleitos os seguintes rapazes: O Tonito em 1.º sub-chefe, «Rebola» em 2.º sub-chefe e ainda coube o encargo ao Lucas de 3.º sub-chefe.

Fazemos votos para que eles possam desempenhar, dentro da paz e do amor, o seu papel perante as suas

AGRICULTURA — Decorre o trabalho da poda, feito por nós rapazes da Obra. Trabalho que é feito com amor para que depois venha a dar mais e melhor fruto.

Entretanto, noutro sítio, andam dois rapazes que preparam terra para semear fendas e outras culturas.

AZEITONA — Acabámos a nossa colheita da azeitona. Foi uma longa etapa para todos nós, com dias de chuva, frio e vento e não só...

No último dia saboreámos as finhas filhizes que foi a recompensa do fruto do nosso trabalho.

Alguns dos nossos rapazes já dizem: — «Esta está quase vencida, pois ela era tanta que nós o que queríamos era vê-la toda apanhada».

Este ano apanhámos os olivais da Câmara Municipal de Miranda do Corvo e, também, o grande olival da Igreja.

Tivemos uma boa receita. Apanhámos cerca de quarenta moínhos e tivemos para cima de duzentos cântaros, o que equivale a mais de dois mil litros de azeite.

Tudo isto foi feito com amor, para que o nosso fruto, já contido nas tulpas, venha a saber melhor.

OFICINAS — Com estas tarefas agrícolas as nossas oficinas estiveram um pouco paralisadas. Além do serviço que já tínhamos e agora com esta pequena paragem, o serviço viu-se acumular mais. Que bom!, as nossas oficinas estarem recheadas de serviço; todos os dias ali vão um, dois e três fregueses para fazerem a sua encomenda. E logo de caminho

eles querem ser atendidos o mais depressa possível, mas nós não podemos atender todos numa vez.

Vamos a ver se conseguimos levar o serviço para a frente, trabalhando mais e melhor, para que os nossos amigos fregueses não nos deixem de visitar.

Luís Manuel

## Tojal

MAIS VALE TARDE QUE NUNCA — Este título foi-me sugerido pelo nosso chefe, o «Cebolinha», para dar conta aos nossos Leitores do carinho, da amizade e da estima de que fomos alvo durante a quadra de Natal/79.

Vários foram os grupos que nos visitaram. Começando pelo grupo dos Jogadores do Sporting que por intermédio do Eurico e do nosso grande Amigo de longa data, sr. Júlio, de Loures, vieram almoçar conosco. Passados dias ofereceram uma bola de futebol.

Depois apareceu o Coro do Banco de Portugal, muito afinadinho, com as suas canções e o seu lanche, que foi partilhado por todos. Um regalo!

Seguidamente estiveram cá as crianças da Catequese da freguesia de S. Julião que nos presentearam com uma peça de teatro e algumas canções que andam agora em voga e com

um lanche, como é do agrado da malta.

E como se isto não chegasse, apareceu, também, o grupo, já nosso conhecido e muito falado nestas colunas, dos Trabalhadores da S. T. E. T., com uma boa peça de teatro e os seus afamados palhaços. Que bom! Os Trabalhadores ofereceram uma bola de futebol, o que quer dizer, se o grupo da Casa do Gaiato do Tojal perder jogos não é por falta de bolas.

No dia 27 do mês de Janeiro houve a habitual festa dada pelas Senhoras da Noruega, onde cada um teve a sua prenda.

Depois desta procissão de grupos não seria justo esquecer os Amigos anónimos que nos trouxeram o seu calor humano e não só, para que tivéssemos um bom Natal.

Por isso, resta-me agradecer e desejar a todos um bom Ano, cheio de paz e amor.

CONVÍVIO DE JOVENS — Na hora em que escrevo esta crónica acabo de chegar do encerramento do 11.º Convívio de Jovens, no Linho. No geral, um dos nossos, o Jorge Cruz, foi um dos responsáveis.

Aqueles que fizeram este Convívio e a todos os outros vai a amizade e a estima de um que é jovem e que quer ser Jovem, para que possamos dar testemunho de Cristo Crucificado por Amor do Homem.

Com amizade, até uma próxima oportunidade.

«Pato Bravo»

## RETALHOS DE VIDA

### O «Malmequer»



Sou natural de Avintes (Vila Nova de Gaia), onde nasci a 27 de Outubro de 1964.

Quando eu nasci, minha mãe morreu e deixou seis filhos. Eu sou o mais novo. Quatro já estão casados e estamos dois na Casa do Gaiato: eu e o «Girassol».

Meu pai não podia aturar seis filhos, até que nos abandonou; e ele andava por aí à sorte. Era pescador, mas não trabalhava; metia-se nas tascas e embebedava-se.

Fomos criados pelos nossos tios. Eu era um vadio! Às vezes a tia fechava-me em casa, mas eu abria a janela, saltava pra rua e caminhava pró rio, pró manguelice.

O meu irmão «Girassol» veio para a Casa do Gaiato com uma freira que pediu ao sr. Padre Carlos. Os meus tios pediram por mim, a uma senhora do Espelho da Moda, para eu vir para cá. Quando cheguei não conhecia o meu irmão; o sr. Padre Carlos é que me disse.

Meu pai morreu, o ano passado. Fiquei chateado. Andei muito triste. Mas agora já passou. E estou contente por estar na Casa do Gaiato.

Termino com um grande abraço para os nossos leitores.

José Carlos Marques («Malmequer»)

# Lar Operário em Lamego

Os nossos amigos querem notícias. O querer saber dos Outros; o interesse em saber se os problemas se vão resolvendo; se as dificuldades se aplanam; se os projectos são realizados; se as obras atingem o seu fim; se os irmãos sentem maior carinho, é sinal certo de que não estamos sós; é prova de que o coração dos Homens não está fechado; é motivo de esperança para não recear o dia de amanhã.

Foi em Outubro passado que o «Jardim Infantil de Samodães» começou a dar alguns passos. E apesar da época não ser de Primavera, apareceram já as primeiras flores.

As duas responsáveis, com paciência heróica, com uma palavra hoje, um afago amanhã, um sorriso no dia seguinte, com uma «prendinha» em suspenso..., conseguiram no dia 8 de Dezembro realizar uma festa dedicada às Mães. E houve revelações! Esta criança recitou muito bem; aquela fixou tudo o que lhe ensinaram; o gesto, o olhar, os mo-

vimentos de todos mereceram as palmas e os aplausos de quem assistiu.

Estava, e está em causa, através das crianças chegarmos às Famílias. Resolveu-se que, no dia da festa, todos oferecessem uma pequena lembrança às Mães. Elas tiveram de trabalhar e moldar um pequeno quadro. Valia a pena assistir às tardes de ensaio e ver o entusiasmo quando cortavam o papel, colavam os desenhos, amassavam o gesso e depois se colocavam à distância a contemplar o trabalho realizado. Nem demos conta das facturas apresentadas por causa dos materiais que foi preciso comprar. Ainda houve quem perguntasse donde vinha o dinheiro para aquilo tudo. A resposta não podia ser outra: são os nossos Amigos, os que amam estas crianças, mesmo sem as conhecer; os que sabem repartir para que outros sintam alegria; os que desejam colaborar na construção do «Jardim Infantil de Samodães» mesmo sem cá viverem.

E desde aquele dia não voltámos a parar. Umhas vezes são canções, outras vezes simples brincadeiras. Continuam as «aulas» de trabalhos manuais. Uns trazem pedaços de ramos de árvores, que depois enfeitam; outros pedem rafia para fazer cestinhas; aquele junta os paus dos gelados e constrói um açafate. Alguns mais velhinhos juntam-se a nós e estudam os deveres escolares. A maior dificuldade tem sido a falta de mesas e cadeiras.

Meu caro leitor, não te preocupes com o futuro do «Jardim». Tem havido quem afirme que tudo morrerá quando «fulano» faltar. Não será fácil. Mas se ficássemos só por aqui, embora fosse pouco, já tinha valido a pena estes cinco meses de trabalho.

Vamos continuar. O inverno deste ano tem sido suave e não faltaram flores para o «Jardim». Os jovens de Samodães juntaram-se e fizeram uma récita oferecendo o pro-

duto para as obras. No dia de «Reis» um grupo foi de porta em porta e falou e cantou em favor do «Jardim». Três senhoras percorreram as ruas de Lamego e entraram nos cafés e ficaram à porta das igrejas à espera de alguém a quem pudessem deixar um donativo para o «Jardim». A principal despesa da obra está por fazer. Foi um grupo de jovens alemães que lhe deu início. Serão eles que, nas próximas férias, virão concluir? Entretanto continuaremos a trabalhar nas salas improvisadas, mesmo sem mesas e sem cadeiras suficientes.

Padre Duarte

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão continua em bom ritmo. É todo um correio espumante, cheio de interesse e de muita amizade.

Vamos revelar perspectivas do desfile tão rico, tão salutar!

Figueira da Foz:

«Já devia ter escrito, pois que em Outubro fui à Terra Santa e conheci uns bons madeirenses, residentes na Venezuela, que não conheciam a Obra da Rua. Dei-lhes a vossa direcção e falei, falei de tudo o que conheço de vós, das vossas Casas, etc.; não esquecendo, claro, de falar no «Famoso». Prometi que ia oferecer-lhes uma assinatura. Eles já devem ter feito juízos pouco lisongeiros, pois já deveriam ter recebido o jornal! Mas eu é que não esqueci a minha promessa (e até o meu sacrifício)...»

Santo Tirso:

«Sou uma moça de 21 anos e trabalho como telefonista. Gostava imenso de ser assinante de O GAIATO. Todos os jovens o deviam ler. Tenho pena de conhecer o jornal há tão pouco tempo, mas nunca é tarde para se reconhecer uma Obra tão boa...»

Porto:

«Tendo assistido à Missa na capela de Fradellos, o Padre Carlos acordou em mim um sentimento que não estava esquecido, mas sim desleixado — e eis-me a fazer aquilo que já deveria ter feito há muito tempo: inscrever-me assinante de O GAIATO. E arranjar mais assinaturas, porque já tenho promessas de colegas e familiares que me acompanham nesta cruzada...»

Vila do Conde:

«Quero ser assinante de O GAIATO. Sempre que vejo o jornal à venda compro-o; mas agora quero ser assinante, pois gosto imenso da Obra da Rua, desde que estive em Angola.

Sou viúva e pobre. Mas tive sempre muito amor por quem sofre.»

No desfile topamos, ainda, pequenos dícticos muito expressivos.

Coimbra: «Desejo ser assinante de O GAIATO, que conheço quase desde criança e que costumo comprar à porta da igreja, mas preferia me fosse enviado para casa».

Numa lista de seis novos assinantes de Braga: «Eu sou professora desses moços e moças que o ano passado visitaram a vossa Casa».

Lisboa passa com um mundo de novos leitores! Muitos também do Porto. E mais uma coluna que se estende de norte a sul do País: Tondela, Santa Iria de Azóia, Loures, Santo António dos Cavaleiros, Bragança, S. Pedro do Estoril, Costa do Valado, Verdelhão, Aveiro, Rio Tinto, Guimarães, Reriz, S. Mamede de Infesta, Carviçais, Carracedo de Montenegro, Castelo Branco, Palmela, Penafiel, Caldas das Taipas, Pero Pinheiro, Linda-a-Velha, Cabeceiras de Basto, Paços de Brandão, Valadares, Setúbal, Areosa, Aldeia de

Joanes, Alvas, Leça da Palmeira, Salvaterra do Extremo, Matosinhos, Nogueira da Maia, Damaia, Sacavém, Carcavelos, Almada, Queluz, Granja do Ulmeiro, Figueira da Foz, Faro, Vilar Formoso, Coimbra, Tomar, Oliveira de Azeméis, Tábua, Ovar, Cacém, Perosinho (Carvalhos), Póvoa de Varzim, Rio de Moinhos (Penafiel), Vila Real, Nine, Paredes, Tortosendo, Mênedo, Ereira (Cartaxo), Monte da Caparica, Viseu, Monte Estoril, Belas, Seixal, Parede, Fanhões, Alcande, Vendas Novas, Guinchães (Fafe), Tavira, Idanha-a-Nova, Carvalhos, Afife, Godim, Braga, Odivelas, Costa do Valado.

Portugueses espalhados pelo globo: Rio de Janeiro (Brasil), Catumbela (Angola), Nantua (França), Neekargartach (Alemanha Federal), Newark (América do Norte).

Júlio Mendes

## PAPEL DE JORNAL

Uma resma de papel de jornal, dos países nórdicos, custa-nos 704\$37,5 incluindo o imposto de transacções; \$70,4 por cada exemplar de O GAIATO.

O suporte de impressão é pesado encargo; com a agravante de ser adquirido por deferência de um Amigo — por graves carências no mercado. Ou teríamos de nos sujeitar a um papel artesanal, dito de jornal, a 603\$29/resma, incluindo IT, cujos encargos — paragens de máquina, tempo perdido e má qualidade de impressão — dariam um custo final idêntico ao produto importado.

O mercado papelero é um verdadeiro calvário! Milhares de assinantes, em falta, talvez desconheçam que uma edição de O GAIATO consome cerca de 30 contos de papel. E o resto?!

A chamada Imprensa Não-Diária, na quase totalidade, está em precárias circunstâncias por carências de papel. Pois oficialmente não se concretizou, ainda, uma política de abastecimento. Sem papel não há jornais. Mas aos grandes o produto não falta e se acontece uma baixa de stock abana o Terreiro do Paço.

Em 1978 o Director-Geral dos Recursos Florestais revelava estarem «criadas as condições para se produzir pasta mecânica para fabrico de papel de jornal em Portugal». O ano passado, o administrador da INAPA — um dos técnicos nacionais mais competentes no sector — afirmava sem papas na língua que, para se encontrar e concretizar soluções técnicas e económicas para o fabrico de papel de jornal, melhor adaptadas à realidade do País, «é necessário boa vontade, espírito de iniciativa e sacrifício de interesses pessoais em favor do bem geral do País». Agora, porém, em estudo recentemente publicado pelo Banco de Fomento Nacional, os seus autores chegam à conclusão de que «a produção de papel de jornal, em Portugal, não tem viabilidade económica dada a pequena dimensão do mercado português e o facto de a produção nacional oferecer exclusivamente pastas não adequadas para a fabricação daquele produto»; sublinhando mais adiante que «a indústria portuguesa de pasta de papel está fundamentalmente virada para a exportação e com boas perspectivas de desenvolvimento nos próximos anos».

Andamos nisto! O espírito mercantilista prefere manter o statu-quo da celulose a inovar, desaproveitando as nossas potencialidades, sacrificando os jornais, para continuarmos dependentes do exterior!

Júlio Mendes

## CASAS PARA POBRES

Em correspondência do Porto para um vespertino lisboeta, o articulista de «Quadrante norte» — nosso velho Amigo — em duas penadas foca um problema de casas para Pobres, que merece a atenção de quem de direito:

«A sombra das disposições legais erguem-se obras cheias de mérito, faz-se justiça, satisfazem-se os anseios e as necessidades prementes das populações carecidas. O poder local desdobra-se em acções até agora imprevisíveis. Mas vem a burocracia e solta gargalhadas de escárnio às boas obras e às boas acções, agride o homem, porque o ignora. Basta ver o que se passa por esse Norte, com centenas e centenas de casas prontas a habitar, que não-de abrigar famílias tão precisadas de tecto como de pão para a boca, a viverem em condições desumanas e que são vítimas da burocracia, à espera do resultado de um sorteio, depois de uma cornucópia de papelada, tudo ordenado pela burocracia. Entretanto, as casas deterioram-se e as famílias vão-se degradando, moral e materialmente. Quando haverá a coragem de libertar o homem português dos malefícios da burocracia, destruidora, anquilosante?»

Júlio Mendes

# AQUI, LISBOA!

Aumentaram os combustíveis e, logicamente, se sucederam outros agravamentos no custo dos bens essenciais. Pensam as Autoridades outras medidas no sentido de não se complicarem as já precárias condições de vida das classes menos favorecidas. Venham elas, que urgem!

Pensamos que é altura de se considerar também a situação das instituições particulares de assistência, que tão relevantes serviços prestam à Comunidade, aliás com reduzidos encargos para o Estado, que roçam, não raro, pelo ridículo ou, até, pelo agravo.

Por circular oportunamente distribuída foram as instituições particulares de assistência equiparadas a armazenistas para efeitos de aquisição de géneros de consumo (N.º 1/75, de 20/2/75). Está certo. Simplesmente, no que diz respeito a combustíveis domésticos, já aqui explicámos que os distribuidores zonais não deixam de receber a sua quota parte, o que é inexplicável e nitidamente injusto, a exigir revisão. Diremos mesmo que as empresas estatais não fariam favor nenhum se fornecessem ao preço de custo os seus produtos às entidades que estão ao serviço do Povo, sem demagogias ou sofismas de qualquer espécie. E, se considerarmos os preços dos carburantes, nomeadamente os do gasóleo e da gasolina, não conseguimos encaixar como é possível que haja quem possa recebê-los em condições mais vantajosas.

Mais do que subsídios, as instituições particulares precisam de respeito e de protecção, sobretudo pelas facilidades concedidas para a consecução dos seus objectivos. Os últimos aumentos de energia e dos descontos para a Previdência são autênticas sanguesugas. Se o Estado ou as Autarquias fornecessem a água e a electricidade gratuitamente ou a preços claramente reduzidos não seria coisa do outro mundo. Se as Instituições fossem isentas do contributo para as Caixas de Previdência representaria um grande alívio nos seus orçamentos e não escandalizaria ninguém. Não estarão elas a providenciar e a fazer previdência? O Estado dá, ao fim e ao cabo meia dúzia de tostões, para ir buscar muito mais de outros modos, obrigando o recurso aos donativos do Povo para lhe pagar. Quer dizer, para fazer o bem ou para alguém se dispor a servir os mais pobres e carenciados, ainda é preciso pagar, como se tratasse de alguma actividade lucrativa sob o ponto de vista material. E, cabendo ao Estado a principal responsabilidade na cobertura das carências e das dificuldades sociais, todos nós sabemos que está longe, e cada vez mais, segundo cremos, de lhes dar respostas adequadas. Facilitar o trabalho daqueles que procuram suprir essas lacunas seria uma maneira eficaz de estimular uma cobertura social mais profunda e eficaz. Ao

contrário, poder-se-á dizer que o Estado não faz o que devia fazer nem deixa que outros o façam. Mais do que subsídios, pois, importam ajudas indirectas e facilidades de outros tipos.

● Insistimos. É curial que as Autoridades se compenentrem das suas responsabilidades. Os expostos nas ruas de Lisboa são tão correntes que quase fazem perder a sensibilidade às pessoas. Não queríamos que tal nos sucedesse e, por isso, sempre que possível, daremos conta de um caso ou outro nesta rubrica. A maneira de água mole esperamos que a pedra seja furada...

O espectáculo dos Cegos nas artérias da cidade é deprimente e aviltante. O Estado que assumia as suas atribuições em pleno e que ajude as Instituições que devotadamente se dedicam aos invisuais. O Cego

não é um coitadinho. Tem de ser tratado como homem. Se há abusos que se corrijam. É preciso, porém, aproveitar as potencialidades, às vezes tão ricas, daqueles que perderam a vista ou já nasceram sem ver. A sua integração na sociedade é uma necessidade e um dever.

Nas nossas andanças por Lisboa gostamos de ir com os olhos bem abertos. Tudo o que diz respeito ao nosso semelhante nos diz respeito também. Queremos alegrar-nos com os que se alegram e partilhar do sofrimento dos que sofrem. Comungando com os Leitores das nossas experiências outra coisa não procuramos que alertar as consciências e levar cada um a assumir as suas responsabilidades individuais e colectivas.

Escrevemos à noite. São passados 75 m do dia 9. Temos de o fazer com antecedência

## TRIBUNA DE COIMBRA

O comboio e o avião levaram-me de Coimbra até S. Paulo. Um encontro muito festivo de família obrigou-me a voltar ao Brasil.

O primeiro encontro foi no aeroporto de Congonhas. Família de sangue e família da Obra. Tantos beijos e tantos abraços! Muitos sorrisos e muitas lágrimas de alegria e saudades.

O segundo encontro deste mesmo dia, que era domingo, foi na igreja de Santa Terezinha. Celebrámos a Eucaristia. No momento da Paz demos de novo muitos beijos e abraços no Amor de Jesus Cristo que nos une.

Nos poucos dias que passei naquela grande terra, bem marcada pelos portugueses, aproveitei a visitar algumas casas e instituições relacionadas connosco.

A primeira que visitámos — José Teles e Saudade, Osvaldo e Maura e eu — foi uma casa de crianças. A irmã religiosa que a fundou e sustenta com amor estava presente. Recebeu-nos de braços abertos, cheia de simpatia. Na sala de entrada está uma imagem de S. José com luz acesa. Há um pequenino oratório. Os dormitórios são um espelho de limpeza. Em cima de cada cama os brinquedos das crianças. Nos quartos de banho não havia nada de humidade ou de mau cheiro. Na cozinha preparavam a ceia. As crianças, em pequeninos grupos, brincavam numa grande sala, pois estava a chover. Saí maravilhado com tudo o que vi, fruto da fé e do amor daquela Irmã, que consigo arrasta boas vontades que a ajudam.

Outro dia visitámos o Instituto Frei Orestes. Recebe as crianças durante o dia. Muitas escolas e muitas oficinas. Irmãs religiosas dão-se ali. São elas atentas a toda a vida. É uma multidão de crianças. Era ao fim do dia. Um cântico de vida e alegria.

Estávamos numa estância sa-

natorial. Visitámos vários sanatórios. Um dos casais que me acompanhava é apóstolo na consciencialização cristã do sofrimento. Vi alegria e esperança naquelas vidas de pulmões doentes.

A grande cidade de S. Paulo é um contraste. Os maravilhosos arranha-céus misturam-se com residências humildes. As ricas e opulentas residências estão rodeadas de favelas. As filas intermináveis de carros são assestadas por muitos bandos de crianças e adolescentes.

Nas paragens há um mundo de gente válida a oferecer pequenas coisas e ramos de flores a quem queira comprar. O mundo passa um pelo outro. A vida das pessoas habituou-se ao alvoroço. Por vezes apercebemo-nos de que estamos num mundo diferente.

Os choques maiores que sentia era passar no centro da cidade de noite e encontrarmos o farol vermelho. Grupos e grupos de adolescentes, rapazes e raparigas, mal vestidos e descalços, cercavam os carros com pequenas escovas e outros objectos na mão à procura de servirem para qualquer coisa e receberem recompensa. Que vidas estampadas naquelas caras!

O último encontro de festa de família foi numa casa de religiosas que se dedicam a crianças. Cuidam durante o dia de muitas centenas de crianças. Uma das irmãs disse-nos que as grandes salas que têm já não chegam. Em pouco tempo, na região vizinha, ergueram-se para cima de duas mil favelas. Os nossos olhos puderam contemplá-las.

Regressei cheio de mimos que todos os nossos me proporcionaram; mas mais impressionado com a vida da oriança abandonada do Brasil à procura de quem a liberte dos maus caminhos que a esperam.

Padre Horácio

para este número de O GAIATO, pois vamos ter um fim de semana cheio. Vimos há horas um Cego sentado na Baixa lisboeta, com uma criança deitada no seu regaço. Uma chuva miudinha, que nos deixou constipados, caía. Uma violência dupla, qual delas a maior. Aqui fica o registo do facto. Pode ser que façam chegar aos Senhores que mandam este desabafo. Não podemos ficar indiferentes, vós e nós. Há muito para fazer neste País. Se dermos as mãos veremos que, apesar de tudo, muitas dificuldades se resolverão.

● A nossa vida tem de ser um compromisso permanente. Se assim não fora não teria valido a pena fazer-nos padres. Com virtudes e defeitos, claro, procurando coerência, nem sempre conseguida, mas sempre procurada. A vida é cheia, com sol e chuva em simultâneo, que nem sempre nos permite separar o primeiro da segunda. Dois casos: com bom tempo e com tempestade, a partilha faz bem a todos.

«Periquito» sofreu grave acidente na tupa da carpintaria que quase lhe ia levando um braço. Felizmente a técnica da cirurgia plástica vem avançando e à competência profissional juntou-se o desvelo e o ca-

rinho dos Médicos e colaboradores. Manuel Augusto, assim é a sua graça, deve recuperar. Recebeu transfusões de sangue. Em dois dias sucessivos, catorze dos seus irmãos afirmaram a sua solidariedade e foram dar do seu. Chuva e sol no mesmo processo, que tudo é vida. Deus seja louvado!

Abílio e «Boneco», de 9 e 10 anos de idade, foram operados às amígdalas. Como não pudéssemos ir ao Hospital pedimos a alguém que os levasse, na companhia de «Pato Bravo», sempre disponível e jeitoso para estas andanças. As operações correram bem e «Pato Bravo» cumpriu zelosamente a sua missão. Infelizmente, porém, quem era o primeiro responsável entendeu antes que devia dispor do carro da Casa e ir tratar dos seus «negócios»... Claro e escuro, sol e chuva! E se assim, por amor de Deus e dos Homens, nos vamos gastando.

● FESTA — Podemos afirmar que, em princípio, será no próximo dia 11 de Maio, no Cinema Monumental, pelas 11 horas da manhã. Os Rapazes estão a preparar-se e, no próximo número de O GAIATO, esperamos dar mais notícias.

Padre Luiz

## Calvário

Cont. da 1.ª página

também aqui a expor a situação e a pedir socorro. Afirmam, entretanto, que já bateram a muitas portas. Ninguém a recebe: uns porque ela é idosa, outros porque é nova.

Tenho a impressão de que estamos a pedir um dilúvio à moda do tempo de Noé, para ver se com ele aparecem arcaas suficientes para todos os enjeitados.

Esta, que é o Calvário, já vai cheia demais. E tenho procurado não receber mais gente, com medo que ela vá ao fundo! Pois que, se recebéssemos todos quantos aqui vêm dar, há muito estávamos, por certo, submergidos no mar do atropelo e da incapacidade.

Fiquei contente ao ouvir um

dos novos governantes afirmar que a iniciativa privada, no campo da Assistência, vai ser acarinhada, «pois que em nome de pretensos requisitos tecnológicos se impediu ou prejudicou o florescimento das inúmeras iniciativas privadas que eram, e felizmente são, tradicionais em Portugal». Se muitas iniciativas assistenciais estremeceram e fecharam portas com a revolução, pois que as abram de novo. E todas ainda não serão demais.

Contudo, volto atrás. O princípio de que a família, quando existe, deve ser a solução para a maior parte dos problemas de mera assistência, tem de ser ensinado e proposto como o mais válido, feliz e eficaz.

Padre Baptista



**O Gaiato**

Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.000 exemplares